

Difícil resenhar o maravilhoso livro de Betty Fuks Freud e a judeidade - *A vocação do exílio*, depois das belas resenhas feitas por Sérgio Paulo Rouanet, Chaim Katz, e meu amigo Ricardo Goldenberg. E, no entanto, fui eu quem me ofereci para fazer esta resenha, para poder falar de um encontro: encontro entre dois textos, que vêm se transformando no encontro de duas pessoas.

As tentativas de explorar a relação entre psicanálise e judaísmo, como bem lembra Rouanet em sua resenha no *Correio Braziliense* de maio de 2001, não são novas, e em geral incorrem na armadilha de judeizar a psicanálise ou psicanalisar o judaísmo. Betty soube evitar ambas, razão pela qual o livro é, em sua opinião, um dos mais brilhantes e originais escritos sobre o tema da relação entre psicanálise e judaísmo.

Rouanet está coberto de razão, e, como ele próprio afirma, qualquer leitor pode se dar conta disto desde as primeiras páginas do livro; tanto que Goldenberg, em sua resenha, escrita para a *Revista Psicanalítica* de Brasília, concorda com ele, ao chamar nossa atenção para o fato de que o livro de Betty é o testemunho de apropriação de sua herança judaica, mediante a psicanálise. Mais do que um ensaio sobre a judeidade de Freud, é o reco-

A vocação do exílio

Resenha de Betty B. Fuks, *Freud e a judeidade - a vocação do exílio*, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2000, 217 p.

nhecimento do que a psicanálise deve à tradição talmúdica de leitura textual, ou seja, a uma leitura onde a palavra aparece como aberta à pluralidade de interpretações e sentidos.

Mais do que um ensaio sobre a relação da psicanálise com o judaísmo, o livro de Betty é sobre a "vocação do exílio", vocação essa que Freud soube "elevar à sua potência máxima e criadora", o que lhe permitiu construir para si uma "judeidade inteiramente original, e portanto estranha ao que se designava como judeu no Ocidente".

O judeu que não está obcecado por sua integração,

assimilação ou renegação inscreve um *fora* no interior da sociedade na qual vive. Foi o que fez Freud nessa Viena fim-de-século, da qual precisou "exilar-se" para poder impor e defender a sua descoberta. E qual foi ela? Justamente a de que o homem é impelido por algo que lhe é estrangeiro, que ele não é integrado em si mesmo, e que é no interior de si mesmo, em seu aparelho psíquico, que vive com inquietação o sofrimento do que lhe é estrangeiro. Não por acaso, o exílio é uma das questões mais presentes no exercício da prática psicanalítica.

As aventuras do exílio e da psicanálise são de certo modo semelhantes, já que em ambas as "viagens" sentimos dor e libertação; e foi em torno do significante *exílio* que se deu meu encontro com Betty. Enquanto ela ia fazendo seu dou-

torado na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, eu ia fazendo o meu na Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, e uma nada sabia do trabalho da outra. Qual não foi a minha surpresa — mas creio poder dizer a nossa surpresa quando — ambas as teses se tornaram livros, e uma pôde entrar em contato com o trabalho da outra! O mínimo que posso dizer que trilhamos caminhos muito semelhantes, e navegamos nos mesmos mares. Lemos Freud não só com Lacan, mas também com Blanchot e Lévinas, e frequentemente nossas citações acabaram sendo as mesmas. Não por acaso, ao terminar de ler seu livro, tinha a impressão de sermos velhas conhecidas.

Ao insistir no fato de que "a psicanálise não é uma hermenêutica explicativa ou descritiva que restringe o sujeito a um mero objeto interpretável pelo analista, nem tampouco uma teoria acabada, um saber meramente aplicativo, exato, fixo, unitário e imutável", Betty não só

faz uma diferença fundamental entre psicanálise e psicoterapia, como insiste no fato de que a interpretação psicanalítica “deve impulsionar o sujeito a empreender uma travessia de si mesmo... e dar suas próprias respostas aos acontecimentos.”

Numa análise, sempre nos perguntamos quem somos, qual a relação com nossos antepassados, quem somos em relação à criança que fomos. O trabalho de análise, lembra Betty, “envolve levar o sujeito a migrar da multidão familiar, a enfrentar o isolamento da maioria compacta, e, nessa travessia, a encontrar, no rigor da palavra, sua singularidade, seu estilo, sua diferença absoluta”.

Mas para tanto, para poder encontrar respostas para essas e outras perguntas – por exemplo, qual a voz que falar por mim, a cena que repito, o desejo que me anima, o sintoma que me permite entrar em contato com o mundo – preciso de um analista, já que a psicanálise é o encontro de dois desconhecidos unidos pela transferência. Cabe a este, a partir do lugar de estrangeiro que ocupa, fazer limite, questionar as evidências, mexer com as certezas, e, por seu olhar “deslocado” como o do estrangeiro na pólis, garantir que a experiên-

cia analítica se mantenha como “sítio do estrangeiro”.

Se Freud se definiu como sendo um judeu infiel, poderia dizer, parafraseando J. Hassoun, que Betty se apresenta como uma analista infiel, aquela que introduz uma margem ao lado do escrito teórico de um fundador para impedir que a teoria se transforme em dogma. Deixa o espaço necessário para o comentário, e insiste no fato de que o analista não pode deixar de ser um estrangeiro, não devendo se transformar no representante de uma capela.

A autora lembra que Freud, “ao realçar a analogia entre a condição de exílio e a transmissão do judaísmo e da psicanálise, faz acionar as forças necessárias aos que estarão sempre em trânsito”, e que, para que a psicanálise se fizesse mais forte que a destruição, sua transmissão deveria se garantir apenas pelas palavras e letras, “essas eternas migrantes do desejo”.

Quando o analista se transforma num mero representante de uma capela, o que se transmite é um mero “dialeto obsessivo” semelhante a qualquer ideologia “produtora de sentido absoluto.” Nesses momentos, a “vocaçãõ do exílio” fica reprimida, diz a autora, em nome de um corporativismo associativo que só empobrece a experiência dessa profissão que Freud chamou de impossível, junto com a de governar e educar.

O livro termina num *gran finale*, com a autora chamando nossa atenção para o processo previsto por Lacan, segundo o qual a religião, entendida no sentido daquilo que impede o pensamento e silencia o sujeito, poderia vir a triunfar sobre a doutrina freudiana. Ela nos adverte que os rumos históricos da institucionalização da psicanálise, se confrontados com a sua inelutável vocação de exílio, pesam sobre a descoberta freudiana com o mesmo impacto inquietante com que o estabelecimento, e a feição concreta assumida pelo Estado de Israel, criam um discutível norte para o infindável nomadismo do povo do Livro.

Que Betty tenha terminado assim seu livro é a maior prova de que é de fato um grande livro, um daqueles aos quais, como diria Lacan ao se referir a *Mal Estar na Civilização*, é possível recorrer “para medir se a resposta que traz às questões que se colocam está ou não ultrapassada pela resposta que encontramos às questões, no contexto atual.” Seu livro é anterior ao 11 de setembro de 2001; ao terminá-lo com a ame-

ça “religiosa” que pesa não só sobre as instituições psicanalíticas mas sobre o mundo, Betty prova o quanto está à escuta de seus analisandos e do mundo em que vive.

A sobrevivência da psicanálise, nos diz a autora, parece residir mais do que nunca na capacidade de os analistas suportarem o isolamento e a angústia da condição de exílio; pois só assim, como fez Freud, poderão buscar “na multiplicidade do que escutam, a estranha e inquietante riqueza do não idêntico”.

Quanto à sobrevivência do mundo, esta também me parece depender cada vez mais da aceitação da riqueza do não-idêntico, da possibilidade de conviver com o estrangeiro, e da vitória da palavra sobre a morte.

Caterina Koltai é psicanalista e professora da PUC/SP